

CONTAR É RESISTIR: RELATO DE EXPERIÊNCIA E O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA NO PIBID.

Joana Sachet de Souza¹
Eduarda Sachet Lanzarin²
Cássio Barbieri³
Everton Bandeira Martins⁴

*É importante para uma comunidade humana
saber quem ela é, saber para onde ela está indo.
(O eterno retorno, Ailton Krenak)*

INTRODUÇÃO

A formação docente na área de História exige mais do que o domínio de conteúdos disciplinares e metodologias de ensino: demanda uma vivência concreta, crítica e situada da realidade escolar. Nesse sentido, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)⁵ se constitui como um espaço formativo fundamental para estudantes de licenciatura, promovendo experiências que não se restringem à aplicação prática de conteúdos, mas que possibilitam a construção de saberes pedagógicos, o exercício da reflexão crítica e a articulação entre teoria e prática no chão da escola pública.

Este relato de experiência tem como tema o ensino de História Indígena a partir de uma vivência desenvolvida no âmbito do PIBID História, vinculado à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó. O trabalho parte da compreensão de que as práticas pedagógicas voltadas à História Indígena ainda enfrentam inúmeros desafios no cotidiano escolar, seja pela escassez de materiais adequados, pela permanência de estereótipos, ou pela ausência de formação específica no trato com essa temática. A partir disso, o relato busca apresentar e refletir sobre uma sequência didática desenvolvida com turmas dos anos finais do ensino fundamental, cujo objetivo é utilizar uma roda de leitura de contos indígenas para promover uma abordagem crítica e sensível da história dos povos originários.

A escolha da temática se justifica tanto pela necessidade curricular amparada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura indígena nas escolas brasileiras, bem como pelo compromisso ético e político de construir uma

¹ Acadêmica do Curso de História – 9ª Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: joana.sachet@estudante.uffs.edu.br

² Acadêmica do Curso de História – 7ª Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: lanzarineduarda@gmail.com

³ Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Orientador(a). Prof.^(a) na E.E.B Professora Zélia Scharf. Supervisor do PIBID, Núcleo História. E-mail: cassiobarbieri@hotmail.com

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com período sanduíche na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Professor Adjunto na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e Coordenador do PIBID, Núcleo História. E-mail: everton.martins@uffs.edu.br.

⁵ A presente ação é desenvolvida com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

educação alinhada com a interculturalidade e mais comprometida com a história, valorização e os direitos dos povos indígenas. O objetivo geral deste relato é analisar uma experiência didática voltada ao ensino de História Indígena no contexto do PIBID, destacando seus desafios, potencialidades e aprendizados.

Os contos escolhidos foram “O olho-d'água do pajé” (Tabajara), “Como as águas vieram ao mundo” (Krenak), “Como o fogo foi roubado do tamanduá-bandeira”(Nambikwara), “O macaco e a onça” (Kadiwéu), “Como o Sol ressuscitou o Lua” (Umutina) e “A víbora e o calango” (Kura-Bakairi), todos presentes no livro “Vozes Ancestrais: Dez Contos Indígenas” organizado por Daniel Munduruku.

1 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência com abordagem qualitativa e fundamentação no método dialético, uma vez que é baseado nas análises das vivências realizadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó. As atividades aqui citadas tem previsão para serem desenvolvidas nos primeiros meses do ano de 2025, durante o desenvolvimento de atividades junto a Escola de Ensino Básico Professora Zélia Scharf, localizada no município de Chapecó/SC, com turmas dos 7ºs anos do Ensino Fundamental.

Como metodologia, utiliza-se a abordagem histórico-descritiva já que se propõe a refletir e contar sobre uma prática pedagógica realizada dentro do espaço escolar, com bases nos registros e observações feitas durante a realização dessas atividades. Além disso, os encontros serão planejados de forma dialógica, buscando a construção coletiva do conhecimento e respeitando os saberes prévios e as vivências dos alunos.

Todas as ações serão conduzidas em colaboração com o professor supervisor da escola, Cássio Guilherme Barbieri, e sob orientação do coordenador de área do subprojeto PIBID História, Everton Bandeira Martins. O foco das intervenções é o ensino de História Indígena, por meio da elaboração e aplicação de uma sequência didática, no qual organizaremos uma roda de leitura de contos indígenas de diferentes comunidades e etnias. O principal objetivo dessa atividade era conhecer as diversas histórias dessas comunidades, investigando seus elementos, personagens e possíveis interpretações. Segundo afirma Wesley Moraes (2017), essas narrativas refletem uma relação distinta dos corpos indígenas com a natureza, diferenciando-se significativamente do homem branco.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

A proposta pedagógica da atividade “Contar é Resistir: Roda de Leitura de Contos Indígenas e Memórias Ancestrais” fundamenta-se na valorização dos saberes indígenas como parte essencial da história e da identidade cultural brasileira. O projeto articula com os objetivos da educação histórica ao promover, de maneira crítica e sensível, o reconhecimento da pluralidade étnico-cultural dos povos originários, utilizando a literatura como ferramenta de mediação entre conhecimento escolar e memória coletiva.

Inspirado nos contos presentes na obra *Vozes Ancestrais*, organizada por Daniel Munduruku (2019), a atividade propõe uma sequência didática para o 7º ano do Ensino Fundamental, utilizando-se da escuta ativa e do diálogo intercultural a partir das narrativas indígenas contemporâneas. Tais narrativas, muitas vezes marginalizadas nos currículos escolares tradicionais, são repensadas como formas de resistência e transmissão de memória. Além disso, os contos não serão apenas conteúdo mas também parte da metodologia, como forma de construção de saberes.

A sequência foi organizada para ser trabalhada em três etapas principais:

- 1) Introdução e leitura coletiva:** Nesta primeira etapa, o objetivo é introduzir a temática e a obra que será utilizada na atividade. A ideia é realizar uma conversa com os alunos sobre o que eles já têm conhecimento, recapitulando conceitos já trabalhados anteriormente, dialogando também com as experiências e memórias deles. Em seguida, realizaremos a leitura coletiva de alguns contos selecionados do livro *Vozes Ancestrais*, com pausas para perguntas, comentários e reflexões. Após essa atividade, a turma será dividida em pequenos grupos para realizar não só a leitura dos textos, como também uma breve pesquisa sobre o povo indígena retratado, utilizando recursos como o portal “Povos Indígenas no Brasil” (ISA). Essa atividade estimula a pesquisa, o trabalho em equipe e o contato com fontes diversas de informação. Este momento é pensado para uma compreensão crítica acerca das realidades históricas e culturais desses povos.
- 2) Produção artística e expressão criativa:** Na segunda etapa, o enfoque incide sobre a expressão criativa dos alunos, por meio da elaboração de uma produção artística inspirada nos contos lidos e nas informações coletadas. As produções podem ser textuais (contos, cartas, poesias), visuais (desenhos, cartazes, colagens). O objetivo dessa etapa é dar protagonismo aos estudantes, utilizando suas vivências pessoais, bagagem cultural e conhecimento histórico adquirido para realizar interpretações e produções com a própria identidade.
- 3) Apresentação e roda de encerramento:** Por fim, a terceira etapa contempla a apresentação das produções e uma roda de encerramento com reflexões sobre os aprendizados adquiridos. Cada grupo apresenta seu trabalho e compartilha os aprendizados adquiridos com a mediação das professoras. Nessa fase, também podem ser realizadas algumas perguntas norteadoras que podem ser respondidas em conjunto como: “O que aprendemos sobre os povos indígenas a partir das histórias que lemos?”. Este momento é importante para compreender o conhecimento adquirido pelos alunos e também compartilhar as experiências vividas, e como elas se relacionam com o ensino de história indígena.

A proposta ainda está em fase de aplicação, mas já revela potencial para desenvolver uma abordagem mais crítica e inclusiva da história, reforçando a importância da escuta, respeito à diversidade e do papel da escola como espaço de valorização das culturas indígenas e da diversidade. O uso da literatura como eixo central permite, como afirma Munduruku (2019), que “as histórias falem por si, como uma forma de resistência”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao se tratar de um projeto ainda em desenvolvimento, os resultados concretos ainda não foram obtidos. No entanto, espera-se que a atividade proposta contribua para a ampliação do repertório cultural e histórico dos estudantes sobre a presença dos povos indígenas no Brasil, bem como para o fortalecimento e escolha de práticas pedagógicas que valorizem e coloquem em prática abordagens decoloniais, onde os povos indígenas sejam os protagonistas de suas próprias histórias, e não mais sujeitos subalternos das histórias contadas pelos colonizadores.

A decolonialidade, enquanto perspectiva teórica, propõe a superação da colonialidade do saber – conceito desenvolvido por Aníbal Quijano (2005) – que problematiza a persistência de estruturas coloniais na forma como o conhecimento é produzido e legitimado. No campo da educação, essa perspectiva implica romper com o currículo eurocêntrico e promover a valorização, sobretudo, dos saberes indígenas e afro-brasileiros, historicamente silenciados nos espaços escolares. Como destaca Catherine Walsh (2009), educar de forma decolonial é promover espaços de escuta e valorização das vozes que foram historicamente apagadas, criando possibilidades de construção de novos sentidos e pertencimentos.

Durante a realização do projeto descrito acima, serão analisadas as percepções dos alunos sobre o ensino de história indígena, e o desenvolvimento destes com os conteúdos abordados, bem como suas produções escritas e artísticas, e seu envolvimento com as atividades propostas. Essas análises buscarão identificar de que forma as abordagens e metodologias utilizadas contribuem para o ensino de uma história alinhada com a interculturalidade, entendendo a coexistência de culturas e identidades distintas. Ao reconhecermos essa coexistência, estamos também reconhecendo a necessidade de adotar novas posturas e medidas dentro de sala de aula.

Pretende-se, com isso, refletir sobre os desafios e potencialidades do ensino de história indígena no contexto escolar, destacando a importância de práticas que realmente dialoguem com as realidades e vivências dos estudantes, levando em consideração sempre a interculturalidade, a descolonialidade e a desconstrução de preconceitos no aprendizado. Essa abordagem procurará trazer a inclusão e valorização dos saberes indígenas que, ao longo do tempo, foram e continuam sendo silenciados em detrimento da prevalência de uma perspectiva eurocêntrica e universalizante.

CONCLUSÃO

Ao integrar leitura, pesquisa, produção criativa e debate, a atividade proporciona uma vivência significativa e alinhada aos princípios da educação decolonial, que questiona as narrativas hegemônicas e reconhece sujeitos históricos silenciados. Assim a proposta contribui não apenas para o desenvolvimento das habilidades previstas na BNCC, mas também para a formação de uma consciência histórica mais plural, crítica e empática nos estudantes.

Ao reconhecer a coexistência de culturas e identidades distintas, estamos tomando também novas práticas e posturas pedagógicas que possibilitam criar novas perspectivas e repensar sobre as narrativas históricas colocadas até aqui. Esse repensar deve igualmente aproximar os estudantes de uma realidade que não

é tão distante assim. O estudo dos legados e contribuições das comunidades indígenas posiciona os alunos em uma relação de igualdade, desconstruindo, aos poucos, os estereótipos frequentemente associados aos povos indígenas no país.

Dessa forma, acredita-se que a proposta aqui apresentada é um instrumento para transformar o ensino de história em uma prática verdadeiramente inclusiva, crítica e comprometida com a interculturalidade, diversidade e descolonialidade. Ao colocar os povos indígenas no centro das narrativas históricas, reconhecendo seu protagonismo, sua cultura e suas memórias, estamos dando um passo à frente na construção de uma educação que vá para além das exigências curriculares e legais, mas que realmente esteja alinhada com o diálogo intercultural, valorizando as múltiplas experiências culturais, sociais e históricas dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ABEH. **Compromissos éticos da docência em História**: documento para discussão. 2021.

FETZNER, Andréa Rosana. Interculturalidade nas escolas: um estudo sobre práticas didáticas no Pibid. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 513–530, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/sXFSv96L5jT8zwZsx5VkVXs/?format=pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117–142. Disponível em: <https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana>. Acesso em: 23 abr. 2025.

KAYAPÓ, E.; BRITO, T. **A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?**. Mneme - Revista de Humanidades, [S. l.], v. 15, n. 35, p. 38–68, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7445>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MORAES, Wesley Aragão de (org.). **Contos Indígenas para Crianças**. São Paulo: Editora Pindorama, 2017. (Cadernos Pindorâmicos, nº 1).

MUNDURUKU, Daniel. **Vozes ancestrais: dez contos indígenas**. São Paulo: FTD Educação, 2019.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e colonialidade do poder: um diálogo a partir da experiência latino-americana. In: CANDAU, Vera (org.). **Educação intercultural: experiências e reflexões**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 25–38.